



Poesia com elos

1ª edição

Pamela Facco

Poesia com elos

O Projeto

O poesia com elos é um projeto fotográfico que aborda o tema da nudez por um viés não erótico ou sensual. Por meio da plasticidade de uma arte delicada e poética questiona os padrões estéticos, conceitos e preconceitos da nossa sociedade.

O projeto é uma série de ensaios coletivos com uma arte extremamente minimalista. O não cenário grifa a ideia de que o que abordaremos merece atenção exclusiva e que assim como as roupas, tudo aquilo que não é o corpo é inteiramente dispensável.

A ideia é ver o ser humano de maneira real, pura e simples. Sem distrações, fantasias nem com os vícios de olhar e de pensar sobre a nudez que a nossa cultura nos impõe desde sempre.

Existem apenas os corpos em contraste a uma parede preta. Corpos entre outros corpos, mesclas de gente e de almas.

O projeto levanta discussões importantes para o público que irá entrar em contato com essas imagens, mas para além do produto final esse trabalho é extremamente transformador para os participantes. O produto plástico é bom, mas o processo é fascinante.

Os ensaios em coletivo derrubam o tabu do nu como algo envergonhado, particular, íntimo e privado. É uma libertação, uma possibilidade de se ver despido dos preconceitos e do peso do julgamento sobre seu corpo, sua liberdade, suas experiências e escolhas.

Em grupo, existe um desligamento do ego, um rompimento das inseguranças pessoais em troca de pertencer a um processo maior, uma luta coletiva pela essência da pureza do ser na qual todos estão de corpo e alma desconstruindo-se mutuamente e apoiando-se uns nos outros.

No final do processo os participantes saem do ensaio com o dobro de tamanho, tudo por causa da troca.



Poesia com elos

Marco zero

Essa é a primeira edição da revista do Poesia com elos. Não sei se escrevo para uma, dez ou cinquenta pessoas, mas vou imaginar que estou entre poucos e bons amigos. Eu queria propor nesse primeiro registro oficial uma reflexão em baixa luz, em baixo tom e com muito carinho para entrar dentro da quarentena de vocês da maneira mais delicada possível e abraça-los com minhas palavras e imagens.

Se você decidiu ser um elo da minha poesia é muito provável que já entenda minhas motivações artísticas e posicionamento ativista contra todas as réguas da nossa sociedade, mas queria contar que além dessa profissional rebelde que impõe a diversidade com a própria casca, existe um ser que assim como você, passou por diversas crises por não ser exatamente o que a indústria esperava.

Cada mensagem que recebo em tom de confissão dizendo que o meu projeto é uma luz, um acalanto, um espaço seguro para que diversas dificuldades sejam superadas eu me alegro por ter comprado tantas e severas brigas para que eu chegasse até aqui hoje. É assim que eu entendo que meu caminho não poderia ter sido outro e que meu destino é tornar a relação de vocês com as suas respectivas imagens um lugar cada vez mais agradável e com uma infinidade de possibilidades de prazer.

Minha cura, está na cura de vocês. Quanto mais vocês me mostram as suas cicatrizes fechadas através do meu projeto, menos ardem as minhas feridas e mais se justifica a minha história. Essa carta vem para contar que quem te inspira não nasceu pronto, que todo material artístico poderoso e transformador tem muita dor dentro dele. A gente projeta nas nossas criações tudo que almejamos alcançar: toda liberdade, toda aceitação e todo amor da mais sublime utopia. A gente (artista), recria um desejo e o escancara para o mundo para que na repetição e na teimosia exibicionista ele tome frente a nossa vida e se faça real.

Contamos uma quase mentira, repetidas vezes até que ela ganha cor e vira a nossa maior verdade. Não sei se psicanaliticamente esse processo existe, mas na minha criação, nas minhas curas é assim que vem sendo.

Há cinco anos eu não usava saia, não saia de barriga de fora nem ousava nos decotes. Há cinco anos eu estava completamente destruída em todos os aspectos do meu ser, tão morta que parecia insignificante a discussão sobre vestimentas ou sobre a liberdade do corpo da mulher. Um relacionamento toxico é a experiência mais danosa que um ser pode vivenciar, alcança e sufoca todas as nossas possíveis satisfações e alegrias. Aniquila até nosso instinto de sobrevivência e passamos achar normal adentrar no mais completo breu e ali passamos a morar por livre espontânea vontade. Quem já viveu algo parecido sabe que não há tempo que apague esse gosto de morte da boca e que se arte existe é aqui que ela se faz mais necessária.

O Poesia chegou no final de 2016, estancando o sangue de todos meus traumas e até hoje, vez ou outra ele pinga umas gotinhas de Merthiolate nos meus novos machucados.

Eu não sei em que momento da sua vida você está agora, mas entrar de cabeça em processos artísticos é sempre a melhor saída. Eu gostaria de te ter mais perto e talvez expor esse meu processo dolorido seja uma forma de fazer com que seu ser confie mais nos meus métodos de cura onde cultivar o amor próprio e emancipar nossa alma seja o objetivo final.

É muito bom te ter aqui comigo e para finalizar essa carta eu venho te apresentar uma sequência com a diversidade de pessoas nas dezenas de ensaios que o Poesia fez ao longo desses anos de vida.





























Poesia com elos

Entrevista participante

Nessa primeira edição, a entrevistada é a paulistana Natália Drigo, 28 anos, que participou do projeto em junho de 2018 e dezembro de 2019.

P. Como você conheceu o projeto Poesia com Elos e de onde surgiu a vontade em participar?

R. Meu primeiro ensaio foi em 2018. Uma amiga me falou sobre o Poesia com Elos mas não dei muita credibilidade, até que um dia ela me obrigou a olhar a página do Poesia e eu fiquei apaixonada! Comecei a seguir e a curtir as fotos e depois de uns 10 minutos a Pamela começou a me seguir de volta, escreveu para eu posar para ela e tive um mini ataque cardíaco! Acredito que esse momento acendeu a curiosidade de participar, mas ainda não tinha entendido o real motivo do propósito da página, isso veio depois de ter feito.

P. Como era a sua relação com seu corpo quando você participou do projeto pela primeira vez?

R. Naquela época eu estava começando a desconstruir algumas coisas dentro de mim, principalmente sobre meu corpo. Sempre me olhei pejorativamente, ser gorda para mim era algo errado e feio. Eu me odiava, odiava meu peso, minhas dobras, não me permitia olhar no espelho, me admirar, entender meu corpo e valorizá-lo. Pensei mil vezes em tirar minha vida porque pensava que vida eu poderia ter sendo gorda? Quem me amaria? Sempre pensei que pra ser feliz e conquistar as coisas eu deveria mudar meu corpo, precisava ser alguém diferente.

P. Quais foram seus principais desafios durante o ensaio?

R. Ficar pelada! Imagina estar em um apartamento com dez ou mais pessoas totalmente desconhecidas e ter que ficar nua. Suei, tremi, não sabia como agir, se eu ria ou se ficava séria. Outro desafio foi me envolver com as pessoas, por causa do medo do meu corpo exposto eu não consegui conversar ou estabelecer qualquer coisa com outros participantes, não conseguia nem ver as fotos tiradas ali na hora.

P. Por que surgiu a vontade de repetir a experiência? Como foi essa segunda participação?

R. Apesar de todo o medo no primeiro ensaio, isso acabou me libertando de muitas crises da minha cabeça. Via as fotos dos ensaios mensais e eu queria estar ali, mostrar pras pessoas que é possível se ver linda, poderosa, ir além dos julgamentos. Na segunda vez eu me senti em casa, com pessoas da minha família. O problema não foi estar nua, foi me vestir depois. Mantenho até hoje contato com os outros participantes.



P. Nos últimos anos muito tem se falado sobre auto-aceitação, amor próprio, além de uma ampliação do padrão estético para formas e tipos mais variados, realistas. Mesmo em um cenário mais acolhedor, qual foi a importância para você em viver a experiência do ensaio?

R. Foi realmente um divisor de águas na minha vida. Eu pude perceber na pele que todo corpo é lindo, que todo corpo carrega em si uma história, marcas, rugas, cicatrizes... Olhar para os outros e ver beleza para mim era fácil, a transformação mais importante foi poder olhar para o meu próprio corpo e contemplá-lo como ele é, que está tudo bem se eu tenho um pouco mais de barriga ou se tenho estrias e celulites, que posso me aceitar dessa forma e fazer com que possam me enxergar assim. Eu não sou apenas uma palavra, sou um contexto inteiro. Sou muito mais do que eu consigo enxergar. Quando fizemos as fotos com todos os participantes juntos eu consegui ver o quanto um pode se encaixar no outro, se envolver no outro, é lindo, como se um nascesse do outro. Lá não existem diferenças de corpos, apenas pessoas que querem fazer parte de algo maior, sem julgamentos.

P. Você percebe uma mudança no modo como você passou a se enxergar depois do ensaio? Isso refletiu na forma como as outras pessoas passaram a te enxergar?

R. Veja bem, eu passei quase uma vida inteira me odiando por ser gorda. Depois de quase um mês do primeiro ensaio eu ainda não conseguia admirar a foto, embora já mostrasse para amigos. Quando comecei a olhar além do julgamento, minha mente abriu, tive vontade de participar todos os meses. Comecei a me achar tão linda, querer me olhar no espelho, hoje eu danço na frente do espelho. Só depois do ensaio que eu me enxerguei, entendi meu corpo e passei a me respeitar como um todo. A luta interior nunca termina, as cicatrizes estão lá, algumas feridas às vezes sangram, mas a gente passa a aprender a lidar com tudo isso. Eu defendo a ideia de que as pessoas enxergam aquilo que você transmite, então sinto que isso refletiu nas pessoas ao meu redor, tem gente que hoje até diz que queria ter minha segurança e autoestima, coisas que nunca tive antes.

Poesia com elos

1ª edição

Pamela Facco

Poesia com elos

1ª edição

Pamela Facco